

APARENTE E INVISIVEL NO ESPELHO D'ÁGUA: CRIANÇAS RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Adrea Simone Canto Lopes, SEDUC/Pará
Pamela Zatreparek de Almeida, UNAMA/Pará

Palavras-Chave: Criança. Infância. Ilha de Cotijuba.

INTRODUÇÃO

A complexidade do cenário Amazônico tem despertado, ao longo dos anos, interesse de pesquisadores, seduzidos, talvez, pela exuberância e pelos “mistérios” desse lugar tão “cobiçado” pelo mundo. Para o exercício desse artigo, elegemos como área geográfica a Ilha de Cotijuba, território insular da cidade de Belém, localizada na confluência da Baía do Marajó com a Baía do Guajará, no estado do Pará. Essa ilha possui características específicas pela sua importância na história (embora seja pouco conhecida) com o movimento da Cabanagem, com o Educandário Nogueira de Farias etc., pelo seu potencial turístico que atrai pessoas de diversos lugares do Pará, do Brasil e do mundo.

Cotijuba¹, segundo Santana (2002, p. 29), foi habitada inicialmente pelos indígenas Tupinambás, posteriormente, a ilha passou a ser povoada por pescadores, agricultores, ex-detentos que formaram famílias e se tornaram pescadores, ex-funcionários do educandário e atualmente habitada também por moradores das ilhas vizinhas.

Ao longo dos anos, Cotijuba vem “sofrendo transformações significativas no que se refere ao processo de povoamento e instalação de novas atividades comerciais e de lazer” (GUERRA; CARVALHO 2003, p. 199) e essas mudanças têm contribuído significativamente em sua estrutura e dinâmica da vida social e cultural. O acesso a ilha é somente fluvial, realizado na maioria das vezes, por embarcações de pequeno porte. A ilha é cortada por vários igarapés, como o Genipauba, o Genipaubinha, o Piri, o Piri-açu, Saudade e o da Flecheira (BELÉM, 1995, p. 7). Cotijuba também dispõe de serviços de comércio e atividades turísticas, com algumas pousadas, especialmente nas

proximidades da Praia do Farol e do Vai-Quem-Quer (as mais frequentadas pelos visitantes). Além dessas praias existem outras como: Saudade, Poção, Praia Funda, Flecheira, etc.

As atividades produtivas, culturais e comerciais, desenvolvidas pelas famílias, influenciam na construção do cotidiano local, entre essas atividades estão a pesca, a agricultura, o artesanato, o extrativismo e a comercialização dos produtos como o açaí, verduras e outras frutas (MELO, 2010).

Nesse contexto, de diversidades, estão as crianças ribeirinhas de Cotijuba que por meio de suas falas, desenhos e textos, apresentam suas vivências nesse território. Embora as pesquisas estejam avançando, na área da infância, ainda é possível perceber que as crianças ribeirinhas da Amazônia paraense foram e ainda são desconsideradas aos olhos da ciência, muito se falavam sobre elas, mas suas vozes foram e ainda são desconsideradas, pois “criança não entende nada”, “criança não sabe o que quer”, “criança não tem querer” ou “crianças não são confiáveis”, eram e ainda são frases pronunciadas pelos adultos que insistem em falar pelas crianças, não permitindo que elas expressem suas ideias e interpretações que fazem do mundo.

Ariès (1982) chama atenção em seu trabalho¹, como as crianças eram transformadas em adultos em miniatura, durante a idade medieval, cumprindo papéis de adultos, no trabalho e na sociedade. Segundo ele, somente na idade Moderna começa a se criar a ideia de infância², essa ideia, entretanto, vem beneficiar os filhos da burguesia e criar a ilusão de igualdade e proteção para todas as crianças quando na verdade as crianças da classe trabalhadora, nunca viveram a infância protagonizada pela modernidade. Apesar de, na sociedade moderna as crianças terem adquirido outro status, proteção e cuidados, estes foram restritos aos filhos da burguesia enquanto as demais estavam submetidas a miséria, ao trabalho, a escravização nas fábricas e condenadas a não desfrutarem do projeto de modernidade³.

Algumas crianças na Amazônia paraense, e aqui, especialmente as que habitam a ilha de Cotijuba, são protagonistas de uma infância sem muito proteção e cuidado, pois, embora existam leis que protegem crianças e adolescentes elas nem sempre são

¹ História social da criança e da família.

² A ideia de infância pensada pela idade moderna estava baseada a ideia de proteção, cuidados, sujeito diferente de adultos.

³ Este projeto previa para a infância mimos, paparicação e cuidados e seria o tempo de preparação moral, intelectual, técnica. Também seria o período de formação. Quando adulta, a criança assumiria o mundo do trabalho (ARENHART, 2007). Com o projeto de modernidade nasce o entendimento que crianças são diferentes de adultos (ARIÈS, 1983).

respeitadas, isso permite que crianças sejam vítimas de diversos tipos de violência, desde o direito ao não trabalho até ter uma escola de qualidade que garanta sua formação integral.

Entendemos que existem nas Amazônias⁴, diversas infâncias com suas características próprias, construídas de forma diferente as quais adquirem as cores e os temperos do tempo, do lugar e ainda da classe⁵ em que a ela está inserida. É possível afirmar que em função dessa particularidade sociohistóricas, existem distintas formas de a sociedade reconhecer e se relacionar com as crianças de cada época, de cada lugar. A História Cultural da Infância possui marcos importantes, mas também se move por linhas sinuosas que a definem de acordo com a época e lugar onde acontece e se desenvolve. A criança do início do século XX poderia ser considerada impura, tanto quanto na Idade Média. Mas, a partir do momento que ganha um status vinculado às condições históricas da classe burguesa, passa a ser inserida em novos espaços e vai ganhando novas configurações ao longo dos tempos.

A ideia de infância hegemônica, vai aos poucos sendo questionada, pensada e diluída, embora ainda esteja presente na sociedade ela vai aos poucos se apresentando como diversa e diferente, pois, existem “tantas infâncias quantas forem ideias, práticas e discursos que em torno dela e sobre ela se organizem” (LAJOLO, 2003, p. 231). Desta forma, é crível asseverar que existem diferentes infâncias, separadas ou não, no tempo e no lugar (LOPES, 2013).

Algumas críticas são feitas acerca da consolidação da infância na modernidade, entre elas, o fato da existência da cultura “adultocêntrica” que enxerga a criança a partir do referencial adulto, como um ser incompleto o qual “se define em função de algo que é definido e completo: o adulto” (PERROTI, 1990, p.12). Essa ideia de infância contribui para fortalecer a dominação dos adultos sobre as crianças e a docilizar os corpos, por meio de punições (FOUCAULT, 2004), bem como perpetuar as diversas formas de violência que se expressam em atitudes autoritárias de adultos contra crianças.

Para quem se permite mergulhar no universo amazônico, deve compreender que a realidade não é homogênea e nem uniforme, pelo contrário, máscara relações sociais diferenciadas de construção e desconstrução dos sujeitos que nele habitam.

⁴ Estamos utilizando o conceito de Lopes (2021) que considera a existência de várias Amazônias, pois cada território desse lugar possui especificidades diferentes.

⁵ Estamos utilizando o conceito de classe na perspectiva marxista.

A diversidade sociocultural existente nas Amazônias possibilitou a formação de diferentes infâncias, entre elas, a indígena, a sem-terra, a do campo, a quilombola, a rica, a pobre, a sem-teto, a trabalhadora, a urbana, a rural, a ribeirinha⁶, entre outras. Nesse artigo vamos focar na infância constituída na relação das crianças com o rio, uma vez que ele tem um significado relevante em suas vidas.

O rio constitui-se como elemento da sociabilidade das crianças ribeirinhas, pois a forma de viver e as relações construídas adquirem especificidades próprias. Embora as crianças possuam características comuns, como as brincadeiras, elas se diferenciam entre si, haja vista a influência que o contexto sociocultural exerce na constituição desses sujeitos.

A infância ribeirinha de Cotijuba, possui particularidades próprias da ilha, como sociabilidades relacionadas ao tempo e à vida desse lugar. Mesmo essa ilha, estando diretamente ligada à cidade de Belém, apresenta aspectos de ruralidades⁷ que precisam ser reconhecidas para entender as suas infâncias.

Nesse contexto de diversidade as crianças revelam como é viver no território insular de Cotijuba, apresentadas aqui por meio de suas falas, desenhos e textos.

1. Desenhando a vida: alegrias, dificuldades/adversidades

Ser autor significa dizer a própria palavra, cunhar nela sua marca pessoal e marcar-se a si e aos outros pela palavra dita, gritada, sonhada, grafada... Ser autor significa resgatar a possibilidade de 'ser humano', de agir coletivamente pelo que caracteriza e distingue os homens[...] (KRAMER, 1994, p.83).

Desde muito cedo a criança começam a utilizar a linguagem escrita; por meio dos rabiscos e desenhos ela expressa sentimento, emoções e compreensão que possuem do espaço no qual está inserida. Porém essa linguagem nem sempre é ouvida ou interpretada, pois a maioria dos adultos continuam desvalorizando essa forma de linguagem das crianças. Vigotski chama atenção para a falta de valorização dos signos escritos pelas crianças “[...] tendemos a ver os primeiros rabiscos e desenhos das crianças mais como gestos do que como desenhos no verdadeiro sentido da palavra” (Vigotski 2007, p.125). Na maioria das vezes nem a escola, nem a família e academia

⁶Os ribeirinhos são pessoas que habitam às margens dos rios e têm uma relação dinâmica com a natureza: “Vivem da diversificação da produção em que ocorre a contribuição da agricultura, criação de gado, extrativismo, pesca e a cultura de autoconsumo e auto sobrevivência” (CANTO, 2007, p.18).

⁷ Ler, Carneiro. Ruralidades em Construção 1998 e Wanderley. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas 2000.

veem o desenho da criança como forma de expressão, de leitura que fazem do universo que as rodeiam.

Temos observado ao longo de nossa trajetória profissional, que o desenho está pouco presente no cotidiano escolar, só é permitido desenhar com mais frequência na educação infantil e de forma aleatória, sem uma intencionalidade pedagógica. Após a educação infantil as crianças só estão autorizadas a desenhar nas aulas de arte; é importante entender que o desenho espontâneo das crianças pode revelar, cultura, desejos, conhecimento, violências, modo de vida, enfim por meio dele as crianças dizem muitas coisas que os adultos nem sempre compreendem.

O desenho é o conjunto das atividades humanas que desembocam na criação e fabricação concreta, em diversos materiais de um mundo figurativo. Estas figuras podem ser feitas de formas carregadas de emotividade e afetividade de forma codificadas, signos de uma linguagem elaborada (PORCHE 1982, p.102).

Desse modo, a criança ao desenhar irá desenvolver sua criatividade, carregada de emoções, afetividades, sonhos, medo angústia, insegurança e tantos sentimentos que vão além de simples registro gráfico.

As crianças da ilha de Cotijuba nos mostraram por meio de seus desenhos, falas e textos como é viver e ser criança nesse território. Contaram as histórias, mostraram a escola, falaram de seus sonhos e como é ser criança em Cotijuba.

Os resultados desses encontros podem ser vistos nos desenhos a seguir realizados com maestria pelas crianças.

Figura 01: “existe uma cobra chamada Sofia e ela já comeu muita gente”.



Fonte: Arquivos da autora, 2013/2014.

Figura 02: “desenhei a lenda do homem da ilha”.



Fonte: Arquivos da autora, 2013/2014.

Figura 3: “Seja bem vindo a Cotijuba, a ilha mais linda do Brasil”



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

Figura 4: A Ilha de Cotijuba



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

As estórias de assombração, lendas e os mitos fazem parte do imaginário do lugar, algumas crianças reproduzem essas estórias, e acreditam serem reais. “A cobra grande existe mesmo, meu tio contou que uma noite quando saiu para pôr a malhadeira, viu uma luz forte e uma maresia forte, era a cobra grande ele e o amigo dele saíram correndo para a praia”⁸. Outra criança, me olha e afirmar, “A cobra grande existe professora, a senhora não acredita? Ela tem os olhos brilhantes que parecem uma luz, o papai já viu”. Eu deixo as crianças falarem e apenas esculto sem interromper suas falas, sinto o quanto essas estórias fazem parte do seu cotidiano e elas querem comentar. “Aqui tem matinta⁹ lá pras bandas do Vai-quem-quer”¹⁰, e me contam a história da matinta, também contam a história do homem da Ilha. A história do lugar não faz parte do contexto, segundo a professora “eu não vejo tanta importância em ensinar a história de Cotijuba, elas não vão precisar disso, o que elas precisam é saber ler e escrever isso é importante” (MARIA, 2011).

A fala da professora expõe um modelo de educação, com padrão de escola homogênea, presente na sociedade brasileira, para a qual a formação dos filhos da classe trabalhadora está ancorada apenas no aprender a ler e escrever. Pois isso é suficiente para “apertar o parafuso”. A lógica de uma educação limitadora permite que a história construída e a mitificada não façam parte das atividades escolares de Cotijuba, embora

⁸ Apesar das crianças poderem participar de pesquisa, ainda não somos autorizados a colocar seus nomes. Embora não concorde com isso, mas, é necessário seguir as normas, as quais continuam invisibilizando as crianças, pois estas são sujeitos de direito, mas não possuem o direito de ter seus nomes em pesquisa, mesmos que elas autorizem ainda assim, o adulto tem que permitir e o Conselho de Ética também, bem como, todos os órgãos responsáveis por garantir direitos de crianças e adolescentes.

⁹ Essa é uma das lendas da Amazônia Paraense

¹⁰ Praia localizada na ilha que fica mais ou menos 8km do “centro da ilha”.

esteja no imaginário sociocultural das crianças e adultos esse conhecimento prévio não é valorizado.

Em meio a praia, igarapés, rio, mata, pesca, agricultura as identidades das crianças vão se construindo nesse cenário de ruralidades e de diversidade que compõem o “território ribeirinho”, com características próprias e um modo de vida peculiar que se entrelaça com o mundo urbano, mas que mantém aspectos rurais como: a vida mais sossegada, a natureza, a praia, as lendas, os igarapés, a pesca, o extrativismo, agricultura, enfim um lugar de vida, onde as crianças moram, brincam, estudam e constroem relações socioculturais.

O barco, a canoa, a rabeta são os principais meios de transporte da ilha e são destacados pelas crianças em seus desenhos e na fala, as crianças vão para o centro urbano com seus familiares, fazem compras, vão ao médico, visitam parentes. Estes são momentos de alegria, pois as crianças narram com bastante entusiasmo os deslocamentos e as novidades que fazem parte desses momentos.

As águas dos rios, igarapés possuem diversos significados para os ribeirinhos, pois são elas que “conduzem a vida”, são espaços de sociabilidade das crianças ribeirinhas, é neles que as crianças nadam, brincam, conversam, dos rios é retirado o alimento, etc. Segundo Loureiro “poucas regiões do mundo guardam uma relação com seus rios e uma dependência tão grande dele como a Amazônia” (2015, p.269).

Quando falamos da escola está se destaca como o lugar que as crianças não gostam, talvez pelas condições físicas e pela predominância de currículos¹¹ urbanos. Sem conexão com sua vida. Segundo Cristo, o que acontece com as crianças que estudam nessas escolas é que elas fogem, por meio de seus “pensamentos daquela escolarização quando olham sua vida lá fora pelas enormes frestas nas tabuas velhas da antiga construção escolar” Cristo (2005, p.126).

O mundo parece mais compreensível para as crianças, quando refletem o rio, as matas, igarapés, praias, cobras, arraias, açai etc. quando está relacionado com as estórias fantasmagóricas e as lendas narradas pelos adultos, pais, avós, tios, vizinhos sobre a cobra-grande, o homem da ilha, o encantado etc. São estórias gravadas na memória e recontadas diversas vezes.

¹¹ Embora a pesquisa não tenha investigado profundamente o currículo escolar, pois esse não era o objetivo da pesquisa. Ao longo do período que estive na escola pude observar que o conteúdo trabalhado pelas professoras estava vinculado às diretrizes curricular urbana.

Se observarmos a fala da professora, apresentada anteriormente, “*eu não vejo tanta importância em ensinar a história de Cotijuba*”, pode-se inferir que a falta de compreensão sobre a importância de valorizar as coisas do lugar, contribui para que a escola seja um local distante e não desejado pelas crianças. A cultura urbana que penetra nas escolas rurais por meio de livros didáticos, pelos conteúdos curriculares desvaloriza os saberes rurais. Por outro lado, “os professores envolvidos pelos saberes homogêneos contribuem para reforçar os saberes urbanos” (CRISTO et al., 2005, 126).

A escola acaba não sendo um espaço agradável para as crianças. Elas reclamam do espaço físico, da falta de cuidado com a escola, das aulas, dos professores que faltam com frequência, da falta de biblioteca enfim, demonstram insatisfação com o ambiente escolar e falam “*eu mudaria a escola, ela seria mais bonita, não teria goteira e o ensino seria melhor*” (Violeta¹²). e continuam, “*mudaria a escola, ia passear com os alunos, tomar banho de cacimba, acho a escola um saco*”. “*A escola seria outra, teria merenda, professores dariam boa aula, teria biblioteca, campo de futebol, brinquedos*” (Azaleia).

A vontade de mudar a escola, talvez se explique pelo distanciamento existente entre o cotidiano das crianças e o que a escola ensina. As crianças em suas falas denunciam o descaso com a educação na ilha de Cotijuba. Se as crianças fossem escutadas e pudessem expressar o que pensam, nos diriam que o modelo de educação escolar não corresponde as suas expectativas e talvez aí esteja explicado o porquê do fracasso escolar.

A ausência de uma política de desenvolvimento social em Cotijuba torna as crianças reféns do seu presente de precariedade e vulnerabilidade, pois elas acabam constituindo suas identidades a partir de ideias “fora do lugar”. A escola nas comunidades tem contribuído significativamente para isso, quando estimula a cultura de dominação, pois os conteúdos trabalhados nas escolas estão quase sempre relacionados com a vida urbana é necessário pensar uma educação e uma escola que valorize as coisas do lugar, é importante estar alerta para as armadilhas do discurso hegemônico que considera o território rural como o lugar do atraso, por isso o modelo educação escolar deve ser o urbano. Embora hoje já existam políticas de educação voltada para as escolas do campo, estas ainda não conseguem ser efetivada integralmente em muitas escolas.

¹² Estamos utilizando nome de flores para preservar a identidade das crianças.

o de ser médica (o) para ajudar as pessoas, ter uma casa, ter uma escola melhor, são exemplos que corroboram e embalam os “sonhos “e desejos das crianças de ter qualidade de vida, e isso envolve questões emocionais, sociais, bens materiais e outros. Mas, diferentes fatores também podem contribuir nessas escolhas, como os meios de comunicação, a cultura urbana entre outros. A seguir alguns desenhos reveladores dos sonhos.

Figura 7: “Ter uma casa”.



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

Figura 8: “ser médica”.



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

Os desenhos expressam as desigualdades, a ausência de médico que possa atender as necessidades, “quando eu crescer quero ser médica para ajudar as pessoas pobres” (Violeta), “meu sonho é ser médico para ajudar quem precisa, velho, criança que não tem dinheiro” (Lírio). As falas fortalecem o que desenharam, e o que pensam sobre o acesso a saúde, quando a criança fala que quer ajudar quem encontra-se doente e não tem dinheiro para pagar, talvez esteja expressando a sua própria condição, pois existe a dificuldade de acessar os serviços de saúde.

O cotidiano das crianças de Cotijuba está relacionado com as atividades diárias dos adultos, elas ajudam nas tarefas domésticas, no extrativismo, na produção agrícola de frutas, verduras, na pesca etc. Em meio à essas atividades e as brincadeiras as crianças vão aprendendo padrões de comportamento ensinados pelos pais e vão se relacionando com o trabalho.

Nos momentos de brincadeira as crianças inventam e criam diversas formas de brincar. A maioria dos brinquedos, são industrializados, mas algumas gostam de fazer seus próprios brinquedos a pipa, o estilingue (baladeira), carrinho de lata ou garrafa pet,

canoas de açai¹³, são alguns dos brinquedos criados por elas. As crianças utilizam materiais da natureza ou de produtos industrializados para construir seus objetos lúdicos.

As crianças falam, desenham os seus brinquedos e surpreendem com sua imaginação. Fomos convidados para visitar a “Juliana”; imediatamente perguntei se a criança tinha uma irmã menor, ela deu risada e respondeu. “*Juliana é minha filha, eu brinco com ela na canoa, levo ela para passear, brinco de comidinha, você não quer conhecer a Juliana*”? A conversa continuou e aceitei visitar a Juliana e aproveitei para conhecer melhor o cotidiano da Juliana” criança tem 12 irmãos e ela é a penúltima, seus pais são agricultores, fazem farinha, pescam e ela acompanha essas atividades. A “Juliana”, sua boneca é a grande companheira. A criança reproduz nas brincadeiras o seu cotidiano e da família, reproduz com a boneca os mesmos diálogos que ouve no dia a dia.

Narramos essa experiência para exemplificar a importância que o brinquedo tem para as crianças. Segundo SANTOS, (1997, p.25) “a infância expressa no brinquedo contém o mundo real, com seus valores, modos de pensar e agir acrescidos pelo imaginário do criador do objeto”.

Figura 11: “Gosto de brincar de boneca porque é uma brincadeira muito legal”.



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

Figura 12: “Tomar banho na maré”.



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

¹³ Quando o cacho de açai fica maduro, cai da palmeira a espádice que é responsável pela proteção do fruto cujo forma lembra uma canoa.

Figura 13: A pipa.



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

Figura 14: brincadeira com baladeira ou estilingue



Fonte: Arquivo da autora, 2013/2014.

O brinquedo adquire aqui a função de despertar imagens que dão sentido à vida das crianças, ao mundo que está em sua volta e as ações que pratica (AMADO, 2008). Entre as determinantes mais simbólicas do brinquedo e das brincadeiras realizadas pelas crianças estão as concepções dos adultos sobre o que serve ou não para meninos e meninas brincarem. Por meio dessa diferenciação é demarcada a divisão sexual na sociedade. Segundo Musgrave a criança aprende padrões de comportamento necessários para viver no seu meio ambiente. E ainda, “[...] aprende qual o comportamento a esperar de outras crianças do mesmo sexo e do sexo oposto” (1984, p.45). A identidade se constrói na observação que as crianças fazem dos adultos e reproduzem as suas impressões no momento em que brincam (Benjamin, 2000).

Em Cotijuba, nadar, jogar bola, brincar de barco, puxar carrinho, empinar pipa, brincar de casinha, boneca, subir em árvores etc., são brincadeiras que fazem parte do cotidiano de meninos e meninas. Observamos que as meninas, assim como os meninos gostam de brincar nas águas dos igarapés ou nas águas do rio, nas praias. “O rio é o fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um ethos e um ritmo de vida regional” (FRAXE, 2004, p.330). Nadar no rio, no igarapé, são atividades que as crianças mais gostam de fazer. Elas nadam com uma habilidade que impressiona. As crianças aprendem até onde podem avançar nas águas dos rios, conhecem o movimento das mares, correntezas e perigos, mesmo sabendo nadar não arriscam ir nos locais proibidos. O Igarapé do Piri, tem seus limites de nado.

Os desenhos e as conversas das crianças revelam a relação que elas possuem com as águas, seja no momento de lazer, ou nas tarefas relacionadas juntos com os adultos.

As atividades, que as crianças realizam junto com a família são variadas e divididas entre meninos e meninas. Por exemplo, subir no pé de açai, pescar, capinar, pegar água no poço ou no rio etc., são atividades desempenhadas geralmente pelos meninos. As meninas quase sempre cuidam das atividades domésticas, lavam roupa, fazem café, cuidam do irmão menor de idade, mas, também participam junto com os adultos ou com os irmãos mais velhos da pesca do camarão, pegam água no rio, vão a roça etc..

Observa-se que tomar banho na praia e no igarapé é a atividade que as crianças mais gostam de fazer. Em seus desenhos estão sempre presente a água, seja nos momentos de lazer, ou nas tarefas cotidianas realizadas junto com os adultos.

As comunidades ribeirinhas de Cotijuba possuem um modo particular de compreender e se relacionar com a natureza, construído dentro do processo de ocupação, desenvolvendo técnicas, linguagens e comportamentos com particularidades e identidades próprias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após idas e vindas de Cotijuba podemos inferir que as crianças dessa ilha são capazes de narrar histórias, lendas, mitos e assombração e embora estes fatos esteja presente no cotidiano delas a escola não valoriza essas narrativas, assim como também não valoriza a história oficial do lugar. Essa desvalorização do saber e do fazer popular, em favor do saber e do saber-fazer socialmente legitimados contribui para a reprodução e legitimação das desigualdades sociais nas instituições escolares de modo a valorizar a cultura e o saber dominante, (BOURDIEU, 1996). Com essa postura a escola dissimuladamente valoriza e exige dos alunos qualidades que são desiguais.

Desse modo após ouvirmos as crianças, e analisar seus desenhos, podemos deduzir que a escola, enquanto instituição formadora de opinião, tem contribuído para que as crianças pesquisadas constituam identidades com “ideias fora do lugar”, na medida em que estimula, a partir do currículo urbano, as crianças a não valorizarem as coisas do território no qual estão inseridas.

A ausência de uma política educacional comprometida com o local (ilha de Cotijuba) revelou-se como problema para as crianças, pois todas reclamam da escola, do espaço físico, da ausência de professor e do que é ensinado. Porém, existe uma identidade com o lugar, as crianças representaram isso em seus desenhos, a ilha aparece frequentemente como o local de vida, sonhos, brincadeiras e de relações.

Ao utilizarmos o desenho como ferramenta facilitadora para permitir que a criança se colocasse como sujeito da pesquisa, observamos a importância que essa forma de linguagem tem na construção do pensamento das crianças, juntamente com a oralidade, foi possível compreender a criança e as infâncias ribeirinhas que são construídas em Cotijuba.

As crianças embora tenham características semelhantes possuem diferenças que se constituem em meio aos distintos espaços geográfico da ilha e podemos afirmar que não existe uma única infância como foi e ainda é propagado, mas sim infâncias que são construídas por meio de diversos fatores.

A infância ribeirinha da Amazônia, especificamente da ilha de Cotijuba, possuem uma relação importante com a natureza e as infâncias não são a mesma das crianças ribeirinhas moradoras de outras ilhas que fazem parte do espaço insular rural de Belém e muito menos igual àquela das diversas crianças ribeirinhas da Amazônia de um modo geral, pois cada criança possui características próprias e peculiaridades específicas do lugar em que mora.

Confirma-se ainda que apesar da ilha de Cotijuba fazer parte do espaço rural da cidade de Belém, notasse uma ausência de políticas voltadas para crianças e jovens, bem como, a compreensão de pertencimento desse território a cidade de Belém.

Por fim, as crianças de Cotijuba, Poção, vieram dizer que elas existem e são protagonistas desse trabalho e planejam por meio de seus sonhos um lugar melhor para viver.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Capitães de Areia**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ARIÈS, Phillipe. **A História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ARENHART, Deise. **Infância Educação e MST: quando as crianças ocupam acena**. Chapecó: Argos, 2007.

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. BELÉM. Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão. CODEM. **Plano Diretor de Cotijuba**. Belém: PMB, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CANTO, Otávio do. **Várzea e varzeiros**: a vida de um lugar no Baixo Amazonas. Belém: MPEG, 2007.
- CARNEIRO, M. J. RURALIDADES: novas identidades em construção. Estudos Sociedade e Agricultura. Rio de Janeiro, nº 11, 1998.
- CRISTO, Ana Claudia Peixoto de; NETO, Francisco Costa Leite; COUTO, Jeovani Jesus de. Educação Rural Ribeirinha Marajoara: desafios no contexto das escolas multisseriadas. In: HAGE, Salomão Mufarrej (Org.). **Educação do Campo na Amazônia**: retratos da realidade das escolas Multisseriadas no Pará. Belém: Editora Gutenberg Ltda, 2005. p. 114 -131.
- GUERRA, Gutemberg Armando Diniz; CARVALHO, Vânia Regina Vieira de. Ruralidade na capital do estado do Pará. Permanências e mudanças na ilha de Cotijuba. In: ARAGON, Luis Eduardo. (Org.). **Conservação e desenvolvimento no estuário e litoral amazônicos**. Belém: UFPA/NAEA, 2003. p. 210-211.
- LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org).
- LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Amazônia**: estado, homem, natureza. Belém: Cejup, 2004.
- LOPES, Adrea Simone Canto. **Retratos de Violência**: os Anexos da Rede Municipal de Ensino de Belém. 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Centro Socioeconômico, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Mundo Rural como Espaço de Vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- SANTANA, Rosiete Marcos. **Território e gênero de vida de uma população ribeirinha na Ilha de Cotijuba-Belém/PA**. 2002. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.
- MELO, Odimar do Carmo. **A comunidade e a construção do lugar na Ilha de Cotijuba (PA)**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) –

Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2010.

PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **A produção cultural da criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

KRAMER, Sonia; BAZÍLIO Luiz Cavalieri. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Marli Pires dos Santos (Org). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

VYGOTSKY. A Formação da Mente. São Paulo. Martins Fontes. 2007.
